

Agnes Heller e Michel de Certeau: propostas de análise sobre a vida cotidiana.

Ana Crhistina Vanali¹

Resumo: esse artigo pretender estabelecer condições de compreensão da noção de cotidiano nas obras de Agnes Heller e de Michel de Certeau, apontando para uma perspectiva histórica que permita o seu emprego metodologicamente, na investigação de significados que as representações sociais fazem surgir das relações entre os seres humanos.

Palavras-chave: Cotidiano, Agnes Heller, Michel de Certeau, cultura e sociabilidade

Abstract: this article intends to introduce conditions of understanding the notion of everyday life in the works of Agnes Heller and Michel de Certeau, pointing to a historical perspective that allows her job methodologically, in the investigation of meanings that social representations do arise in relations between human beings.

Keywords: Everyday life, Agnes Heller, Michel de Certeau, culture and sociability

Agnes Heller e Michel de Certeau: a anylise about the everyday life.

¹ Doutoranda do Programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná. Bolsista CAPES/DPSE na Universidade Nova de Lisboa. E-mail para contato: anacvanali@yahoo.com.br

Introdução

Identificar o cotidiano compondo-o de traços que permite apontá-lo em situações de vida humana, demonstra a possibilidade de seu emprego na interpretação social da realidade. O cotidiano não se configura como um conceito definitivo. Ele pode ser identificado, em princípio, como um território, configurando-se assim um lugar com espaço e tempo construídos.

O cotidiano seria o resultado de um processo de socialização em que uma forma específica de interação relaciona o indivíduo ao grupo, engendrando personalidades, capacidades e comportamentos que se misturam em disputa pela escolha de traços identitários, forma-se assim uma marca que transforma o espaço (geográfico) em lugar (simbólico).² O território do cotidiano define-se assim como um lugar onde age o indivíduo tornando humana a sua vida. Dialoga o cotidiano com o estranho e o diferente, mas é somente diante destes que se reconhece. A ordem do cotidiano está contida na história, torna-se pouco proveitoso perceber a história senão permeada pelos acontecimentos do cotidiano, de onde tudo parte, como nos sugere Agnes Heller quando afirma que “ (...) a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social.” (HELLER, 2000, p.20).

Desse modo, as relações de trabalho, os atos públicos, a vida social, as decisões políticas, os acontecimentos econômicos, os discursos formadores de marcas identitárias e todas as ações que, quando destacadas sobressaem-se ao cotidiano, partem da vida cotidiana; ganham particularidades graças ao cotidiano, onde são gestadas e postas em funcionamento. O cotidiano fica na raiz, e sustenta tudo o que lhe sobrepõe. É assim, a percepção do comum, daquilo que se tornou habitual mas sem o qual não viveríamos humanamente, não reconheceríamos os outros, o mundo e a nós mesmos.

² Conforme Michel de CERTEAU (2001, p.201).

Permeado por fronteiras – o outro, o mundo – o indivíduo constrói entre elas a sua existência, o seu pensamento, as suas marcas identitárias. É perpassado por estas fronteiras constantemente afirmadas, habitando lugares onde o reconhecimento e, em geral, a sua naturalização, estabelecem as condições para a convivência. As fronteiras do cotidiano formam uma rede de contextos, uma teia de significações, pois é em torno de uma grande negociação diária que damos sentido ao mundo e tornamos a vida humana possível. É no cotidiano, portanto, que se inscreve a cultura, como um sistema de saberes, lugar onde tudo pode ser reconhecido, como desejável ou não, para as realizações da vida diária. A confirmação de uma visão ideológica da realidade, o gosto artístico, a crença religiosa, os hábitos do dia-a-dia, as possibilidades das relações familiares, com os amigos ou com estranhos, em tudo os saberes prévios do cotidiano nos orienta sobre como agir, o que evitar, aceitar, questionar.

O cotidiano é ainda o território do contraditório, do relativo e do confuso. Aquilo que nos parece normal somente assim se afirma porque decidimos claramente sobre o que não o é. Os nossos códigos da vida diária estabelecem simultaneamente aquilo que pode e o que não pode, o que devemos e o que não devemos; e a cultura em que vivemos surge assim complexa e variável, plural. A sua pluralização ocorre em um mundo onde também são relativizadas noções como, por exemplo, a guerra: uma guerra que acabou, mas não inteiramente; uma guerra que parece existir mas não se revela; a percepção de que a vida é uma guerra (assim a guerra não seria mais a suspensão do cotidiano); a concepção de que todas as relações humanas são uma guerra (logo há guerra em casa, na rua, no trabalho, no lazer, na cidade, no país e no mundo). Em contrapartida, a noção de liberdade em geral não se relativiza, mas apenas o modo de percebê-la: vemo-nos cada vez menos livres. Desse modo o território do cotidiano é multiforme e dinâmico. Não se inscrevem os acontecimentos diários em uma rotina que não contém o erro, o contraditório, a falha. O mundo da regra que estabelece a sua transgressão no eventual somente existe no discurso que sustenta a normalidade do real. Em geral, nos atos, nas palavras e nos pensamentos, convivemos com o conflito e a incerteza. A sua negação, em favor de uma ordem perfeita do mundo será sempre um discurso ideológico.

Não convém, no entanto, que passemos a vida a refletir sobre os nossos atos diários como se pudessemos encontrar razão e consciência em tudo que fazemos. É desta forma que conduzimos ao sentido de normalidade e de rotina os nossos atos; mas o seu fundamento

continua sendo permeado pela incerteza e da afirmação do humano em nós. No cotidiano construímos a nossa existência como percepção da identidade e da diferença que estabelecemos com o outro. Reafirmamos assim a condição de territorialidade do cotidiano, porém não como um palco, um espaço onde ocorre os acontecimentos sem a sua interferência, mas como um lugar que age conferindo especificidade e significações aos indivíduos que dele participa. Os efeitos que o cotidiano produz conferem sentidos à vida humana, forjando os indivíduos tanto no seu ser particular como no seu ser genérico. Daí sermos constituídos de identidades e de diversidades simultaneamente.

A nossa identidade remete sempre àquilo que concebemos como modo de ser humano. E naquilo que duvidamos do modo de ser humano inscrevemos a diferença. O cotidiano é então exercício diário dos atos fundadores da identidade e da diferença. Negociando, impondo, propondo, submetendo, dispomos das marcas com as quais forjamos a nossa individualidade (do ser genérico e do ser particular; do público e do privado), HELLER, 2000, p.20), e construímos a nossa história: uma história de todos; uma história da interação das identidades e das diferenças.

Os lugares sociais que ocupamos interagem, portanto, com as nossas marcas identitárias e daqueles com os quais convivemos, produzindo assim a historicidade da vida humana nos acontecimentos do cotidiano. No que concerne à rotina, o cotidiano se caracteriza, não pelo ato que se repete, mas pelo conhecimento que temos dele, pelos saberes que construímos para viver num mundo de atos que parecem se repetir; inclusive pelos saberes que promovem a suspensão e o retorno aos atos repetitivos. Construímos um conhecimento sobre o mundo e seu funcionamento que respondem aos impasses diários que nos surge como incerto.

São do âmbito dessas respostas os saberes que mais usamos na cotidianidade e que por isso os temos como comuns. O senso comum resulta de uma inteligência sobre o mundo, não se trata apenas de uma explicação mítica e mascaradora da realidade, mas é acima de tudo um saber que promove a realização da vida humana. O senso comum lança-se contra as incertezas do mundo, torna compreensível, sem crítica, o território do cotidiano e estabelece o ponto de partida para a vida do grupo. O cotidiano, porém, se aí se inicia, ainda percorre longo caminho em seu processo de concretização. A fluidez do senso comum é que permite o imprevisto na conduta dos atos diários e tal imprevisto, permite por sua vez, a coexistência da

norma, como uma moral, com a sua transgressão, no momento em que ela ameaça a normalidade instituída pelo grupo.

As tradições, as identidades e as representações são então a concretização desse conhecimento e desses saberes sobre o cotidiano. Construídas nela e ao mesmo tempo fundadoras da nossa humanidade, as identidades e as representações instituem modos de viver que dão sentido ao mundo. As tradições caracterizam um modo de viver que tem no passado, como uma herança, a força de assentar saberes que nem sempre se querem úteis ou verdadeiros, mas que permitem fundar o sentido de grupo; as identidades, o discurso que promove ao indivíduo e ao grupo a idéia de pertencimento e de coesão social, ao mesmo tempo que dá sentido à diferença; e as representações são as matrizes geradoras de conduta e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. (HELLER, 2000, p.39). Com estes elementos podemos atestar a complexidade da vida cotidiana e o seu sentido e centralidade históricas.

Os atos diários são repetitivos apenas aparentemente, pois a produção de cada um ocorre em um contexto diverso e produz, não um retorno ou repetição, mas uma continuidade da vida de cada um. O cotidiano revela-se assim, plural, híbrido, miscigenado e complexo. Longe da unicidade gerada pela idéia de repetição dos atos cotidianos, estes se revelam plurais porque suas ocorrências fundam sentidos diversos e traçam a continuidade da história. Nos atos diários, como por exemplo, pegar um ônibus todo dia, inscreve-se a possibilidade de realização da historicidade de nossas vidas. Onde nos sentamos, com quem conversamos, sobre o que conversamos, a percepção da ausência de alguém, tudo ocorre num espaço e temporalidade que conhecemos, o que nos garante alguma segurança aos nossos atos; estamos muito longe da mera repetição. Conhecidas as situações, negociamos melhor sobre os lugares sociais que ocupamos no transcorrer da vida cotidiana. Devemos ainda considerar que o exercício da vida cotidiana, inscrito na vida em sociedade, conclui-se como resultado das vontades – por sua afirmação ou negação, originando fatos novos híbridos. As ações cotidianas produzem o conhecido, o esperado, o normal e o ordinário, mas ao mesmo isto revela enorme variedade e ao mesmo tempo convive com o desconhecido, o inesperado, o anormal e o extraordinário. São as conjunções opostas que revelam o cotidiano então. No mesmo ônibus, todo dia, jamais contamos as mesmas histórias, mesmo quando fazemos uso dos mesmos discursos.

Cotidiano para Agnes Heller

Miscigenado, o cotidiano se revela mais que o simples, o comum, o habitual e o normal. O comum do cotidiano representa aquilo que é pertencente a todos, como sugere Heller (2000, p.17) quando declara que “ (...) a vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção (...)”. A complexidade do cotidiano traduz-se naquilo que Heller chamou de heterogêneo do cotidiano (HELLER, 2000, p.20), ou seja, o fato deste referir-se aos mais diversos aspectos da vida, como as relações familiares e de trabalho, a vida privada, as sensibilidades, o descanso e o lazer, as relações de gênero, de etnia e a construção das identidades. Infundam os lugares onde se percebe a vida cotidiana a construir e a reformular os modos de realização da nossa humanidade.

É no cotidiano que realizamos, construímos e vivemos as identidades. As identidades são modos de afirmação (e/ou negação) do humano que permitem as interações entre os seres humanos e, em certa medida, a realização do cotidiano. Elas são realizadas simbolicamente no cotidiano e produzem noções de pertencimento como classe, gênero, grupo, etnias, nacionalidades, faixas etárias, profissões, etc. Tais representações identitárias podem ser entendidas como uma construção simbólica de sentidos, integram o imaginário social, produzem práticas sociais e valores que permitem o reconhecimento do outro ou formas de exclusão. Tais processos ocorrem na vida diária, permitindo sob os mais variados aspectos o posicionamento dos indivíduos na sociedade. Assim, o cotidiano pode ser entendido como o território onde agem as representações identitárias, dos incluídos e dos excluídos. Remetemo-nos mais uma vez à complexidade da vida cotidiana, lugar de encenação, do discurso e do estabelecimento de variadas marcas identitárias.

No cotidiano produzimos os modos de ser e de viver. Produzimos percepções e interações com o tempo e o espaço, as relações sociais, os saberes, os desejos e os elementos do imaginário. Os produtos da cultura, o mundo da sociedade, são compreendidos e negociados por todos como representações sociais que, por fim, são formas concretas de encenação do cotidiano. Promovendo diálogos entre saberes (o senso comum, a arte, a religião, a ciência, a filosofia) possibilitamos a convivência entre eles na ordem do cotidiano. Trata-se de uma reelaboração, conduzindo os saberes que não são dominados por todos às condições de ordem e de normalidade que presidem a vida cotidiana.

Assim, produzimos o habitual e o cotidiano. O habitual caracterizado pelo que é comum ao grupo, não exigindo reflexões ou explicações prévias ao seu ato de execução. Os hábitos, porém, envoltos na complexidade da vida cotidiana, só podem ser considerados repetitivos, se tomados em seu ato particular, descontextualizado – mas desse modo acabaria por promover o seu sentido oposto: o estranhamento. Este, pertencente à ordem do dia-a-dia, é o que nos permite conceber a territorialidade do cotidiano, o seu alcance espaço-temporal e a sua historicidade. Naquilo que se altera em relação à norma e à ordem, mas que beira cada uma delas, é onde ocorre o movimento intenso dos acontecimentos cotidianos: trabalho x greve, obediência x revolta, fidelidade x traição, trabalho x ócio, etc.

Qual o lugar da cultura no território do cotidiano? – A cultura, no território do cotidiano se caracteriza pelo modo como os indivíduos realizam as suas vidas na coletividade social. Tal processo ocorre porque a vida em sociedade promove um enraizamento, a capacidade do ser humano de encontrar-se no mundo e interpretar-se a si mesmo como ser humano, orientar-se, tanto em sua vida individual, quanto em sua vida coletiva. O ser humano como sujeito (e também objeto) da cultura, e sendo a cultura inerente a todo ser humano, assim, a vida cotidiana se organiza também a partir dos elementos culturais instituídos e vividos pelos indivíduos diariamente. Complexos e conflituosos ainda, pois a organização da vida em sociedade o é em todos os seus aspectos. O cotidiano é sempre o cotidiano com os outros. Não o vivemos sozinhos e isolados, a vida cotidiana apresenta-se como um mundo intersubjetivo, conforme Berger e Luckman “(...) um mundo de que participo juntamente com outros homens” (2002, p.40).

A linguagem, o conhecimento, a temporalidade e a espacialidade atribuídas à realidade da vida cotidiana num só tempo fazem-na compreensível (como norma e como ordem) e comum (todos participam dela). Não quer dizer isto que o cotidiano institui uma regra absoluta, mas que nossas construções individuais dialogam com as construções daqueles com quem convivemos. Somos então levados mais uma vez à percepção de conflitos e impasses quanto à ordem do cotidiano. O primeiro desses conflitos é sobre a autenticidade de nossa individualidade. O quanto somos nós mesmos ou apenas repetimos os gestos, e o que os outros também o são, torna-se assim um modo de criticar a realidade da vida cotidiana que, independente das conclusões encontradas revela em princípio o pressuposto de que outros

modos de ver o mundo, para além do senso comum (o modo inicial de conhecimento do cotidiano) existem.

O outro conflito, decorrente do primeiro, vemos os outros como massificados, anônimos e alheios. Numa espécie de alienação e completamente absorvidos pelas normas e ordens instituídas no cotidiano, tomamo-nos como único agente capaz de conduzir a historicidade da vida humana (condição que podemos estender a outros poucos por uma regra de identidade), pois que os outros, a grande massa de anônimos com os quais convivemos são meros seres mecânicos de uma ordem que apenas poucos sabem conduzir sem serem conduzidos.

Nos dois casos construímos sobre o cotidiano a impressão de que sua presença nos é opressora. Impõe-nos a ordem do cotidiano a permanência e a aceitação da realidade por ela construída sob a pena da exclusão, pois a vida humana somente é possível no grupo, e o grupo na ordem do cotidiano. Daí identificarmos o mundo cotidiano com o mundo da repetição dos atos, da regularidade, da ordem e da normalidade. É no próprio mundo do cotidiano, porém, que devemos buscar a superação desse sentimento de opressão.

A história do cotidiano “é a história da vida diária de homens e mulheres” (HELLER, 1998, p.208), onde podemos perceber permanências e mudanças no tempo e no espaço, sociais e culturais, num processo que revela um conhecimento do mundo e, a partir dele uma ação segura, ou seja, a idéia de que nossas ações são um jogo de repetições conhecidas e de resultados esperados. No entanto, o que aparentemente se repete, no próprio processo de repetição, tanto se reitera como se recria. A percepção do cotidiano como algo repetitivo, longe de proporcionar a segurança pretendida, produz a idéia de opressão e de cansaço. Somos empurrados à ameaça de viver uma vida sem fatos extraordinários, pois somente na ordem do cotidiano a vida deixa de ser ameaçadora. No entanto, ao nos sentirmos oprimidos pelo cotidiano o criticamos e vamos em busca da sua superação.

Fundamos o cotidiano para viver a vida humana com o outro. Longe da mesmice e da banalidade, o cotidiano é marcado pelo conflito. Todos os atos diários, negociados, propostos, incertos, do qual sabemos somente que pode produzir o efeito esperado depois de realizado, pois que de tudo temos uma memória fracionada e parcial. O cotidiano não é um palco inerte, mas possui seu tempo e espaço preenchidos de significados e está em pleno processo de contínua transformação – um território definido por marcas identitárias e vivido por todos. A

distância entre as concepções racionais e a sua realização na vida cotidiana acabam por revelar:

1. como as representações sociais da realidade apropriam-se do saber científico mas não o repetem (no cotidiano não racionalizamos o tempo todo);
2. como os sistemas de coerência dos discursos sobre o real não são fundados apenas em dados racionais;
3. como os movimentos sociais e culturais não podem ser reduzidos às suas formulações racionais, sob pena de os vermos como incoerentes;
4. como o cotidiano é imprescindível para a percepção histórica (mesmo quando ele não aparece, ele está lá).

Viver o cotidiano, portanto, não significa, não apenas agir do mesmo modo diariamente, como também mover-se guiado somente pelo senso comum. É preciso considerar que os modos de conhecimento do mundo são postos em ação nas elaborações da nossa vida diária e o seu resultado, o cotidiano, consubstancia-se na complexidade dos acontecimentos ordinários e excepcionais que nos ocorre.

A noção de cotidiano de Agnes Heller está relacionada com a história na medida em que se refere à vida humana. Sua condição de percepção, porém exige o abandono de uma modalidade de história que não o percebe digno de registro e de interpretação. Desse modo, o cotidiano, a vida cotidiana se caracteriza pelo ato fundado pela história e dá sentido à vida dos indivíduos. Ao mesmo tempo, revela o social e permite ao indivíduo construir uma consciência sobre ela (a vida cotidiana), sobre o mundo, sobre o outro e sobre a si mesmo.

O cotidiano pode ser o ponto de partida de uma interpretação social, a sua percepção depende da observação dos acontecimentos diários a partir de um olhar invertido: aquilo que parece irrelevante para representar uma dada realidade, é ali que se revela o social, em seu ponto de partida; há algo de empírico na investigação social do cotidiano, as técnicas da oralidade e da descrição densa – uma etnografia, podem revelar o esquecido. O fato não para

no ar, ele pertence ao mundo do cotidiano, foi ali gerado e o seu retorno a esse território é que lhe confere sentido.

O pressuposto de Agnes Heller, de que no cotidiano se processa uma revolução social concede a possibilidade de história ao cotidiano, inscreve a possibilidade de narrar e interpretar aquilo que parece ter sido sempre o mesmo. Discute as perspectivas de mudança social a partir da valorização da suspensão do cotidiano a partir da práxis libertadora, onde os indivíduos iriam adquirir um novo tipo de cotidianidade.³

Para Heller, o cotidiano é a vida de todos os dias, diferenciáveis dadas as diferenças de grupo ou classe social:

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipuladoras, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda a sua intensidade. (HELLER, 2000, p.17)

A vida cotidiana é heterogênea e hierárquica, não sendo rígida nem imutável, pois se altera de acordo com a mudança histórica. Uma das suas principais características é sua imediatividade e pensamento manipulador – a vida cotidiana adquire uma tendência à vida funcional.

Em Agnes Heller a ideia marxiana de homem enquanto ser genérico está presente. O homem social é ao mesmo tempo singular e genérico. Na vida cotidiana o mais evidente é o homem singular.

O indivíduo contém tanto a particularidade quanto o homem genérico que funciona consciente e inconscientemente no homem . (...) A explicitação dessas possibilidades de liberdade origina, em maior ou menor medida, a

³ Agnes Heller é herdeira da visão marxista de Georges Lukács no combate ao marxismo vulgar e das tendências economicistas e estruturalistas da análise da sociedade. Ela mantém a perspectiva desse autor de desmitificar a análise marxiana da realidade, para ela a totalidade é composta por aspectos centrais da vida cotidiana. Lukács descobre na reificação das relações entre os indivíduos o alicerce da vida cotidiana contemporânea.

unidade do indivíduo, a aliança de particularidade e genericidade para produzir uma individualidade unitária. (HELLER, 2000:23)

Podemos verificar em Agnes Heller a defesa da necessidade do encontro do homem com o seu gênero, nas situações históricas promotoras de mudanças radicais. Há, nesses momentos, uma necessidade de suspensão da cotidianidade (e não a sua negação), para que a heterogeneidade dê espaço à homogeneidade como mediação necessária para essa mesma suspensão. Os domínios onde o ser humano pode suspender ao ser genérico, são o trabalho, a arte, a ciência e a moral. Para a autora, a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico (HELLER, 2000).

Cotidiano para Michel de Certeau

Para Heller a alienação, no sentido social do termo marxiano, tem um papel fundamental na sociedade capitalista e influencia na vida cotidiana. Diferente de Michel De Certeau, alguns valores presentes no mundo moderno capitalista – individualismo, neutralidade, competição – reforçam a mediocridade, deixando as decisões políticas, econômicas, culturais e espirituais ao sabor dos agentes mandantes. A insatisfação (manifesta na contestação ou mesmo na passividade), ao mesmo tempo que mascara a mediocridade, germina o desejo de ruptura e a procura por autenticidade nas relações.

Já, Michel De Certeau (2001, p.31) define o cotidiano como “ (...) aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente”. Ele está preocupado em compreender as maneiras de fazer das massas anôminas. Procurou analisar o mundo vivido pelos homens, a partir de seus gestos, escolhas, hábitos, práticas, falas. A atuação humana não é passiva face ao estruturado, pelo contrário, está sempre predisposta a sair da norma. No texto “A invenção do cotidiano”, De Certau se preocupa em demonstrar as artimanhas do consumidor cultural no esvaziamento do poder normativo e na negação diária da homogeneização atribuída ao sistema. É na vida que ele vai buscar a compreensão dos movimentos de resistência perante as forças hegemônicas de reprodução e de controle social, pois através das práticas cotidianas o indivíduo se apropria do sistema produzido e fabrica a sua rede de anti-disciplina, isto é, o

indivíduo cria meios para escapar ou fugir dos modelos de consumo impostos pela ordem dominante, inventando o cotidiano.

Para De Certeau as obras humanas, ainda que não claramente intencionais, são transgressoras e transformadoras em potencial, revelando sua preferência pela análise que parte do individual, do singular, ainda que estas predisposições se generalizem na sociedade. Para ele:

(...) os mecanismos de resistência são os mesmos, de uma época para outra, de uma ordem para outra, pois continua vigorando a mesma distribuição desigual de forças e os mesmos processos de desvio que servem ao fraco como último recurso, como outras tantas escapatórias e astúcias vindas de imemoriais inteligências, enraizadas no passado da espécie. (CERTEAU, 2001, p.19)

Para Michel De Certeau a cultura é uma relação social. Ela requer uma atividade, um modo particular de apropriação, o que significa uma incorporação e uma transformação pessoais de códigos simbólicos, um intercâmbio instaurado num grupo social. A cultura pode ser comparada a uma arte, condicionada pelos lugares, regras, normas e dados, “ela é uma proliferação de invenções em espaços circunscritos” (CERTEAU, 2001, p.19). Ela apresenta-se como o campo de uma luta, de um lado é aquilo que permanece, de outro é aquilo que inventam. Por um lado, tem os rigores das representações coletivas, inflexível, dissimulados nos gestos cotidianos. Por outro lado, há as resistências, todas essas, resultado de uma inventividade que delineiam o movimento rumo ao novo. É isso que dá dinâmica e que permite falar de uma invenção do cotidiano. Importa o conjunto de operações que as pessoas utilizam para se apropriar das significações culturais pois, as pessoas não adquirem a cultura de forma passiva e disciplinada. Onde os outros viam obediência e uniformização, De Certeau procura recuperar a forma pela qual os indivíduos e os grupos se apropriam das mensagens disponíveis, assim como o uso que fazem delas, procurar perceber as microdiferenças, se

preocupa em especificar os esquemas operacionais que configuram as artes de fazer e de fazer com, de onde ele extrai uma teoria das práticas.⁴

As invenções cotidianas marcam o jogo das relações com a ordem e os indivíduos. Quando se trata das minúsculas situações da vida cotidiana, a atenção do autor se volta para o homem sem qualidades, o homem comum, ordinário. O ato estranho da transgressão é praticado por esse homem sem pudor. Então, como pensar o estranho com o qual nos deparamos na vida coletiva e ordinária? – Pensar esse estranho como a contínua relação do mesmo com o outro, deve-se procurar a compreensão do que não é inteligível dentro de um certo discurso social e histórico. O outro, a alteridade são chaves para a interpretação sociológica e histórica.

A contribuição metodológica de De Certeau está na análise das maneiras de fazer cotidianas das massas anônimas. Deu ao sem nome o estatuto de objeto científico e tornou compreensão epistemológica observações sobre essa realidade sem o medo de se pronunciar sobre o banal cotidiano. O mundo diário abriga táticas do fazer, invenções anônimas, desvios de normas, do instituído, embora sem confronto, mas não menos instituintes. É erro supor que o consumo das idéias, valores e produtos pelos anônimos sujeitos do cotidiano é uma prática passiva, uniforme, feita de conformismo às imposições do mercado e dos poderes sociais. No consumo dos bens culturais e materiais existe apropriações e ressignificações imprevisíveis, incontrolláveis, modificadoras de pretensões previstas na origem, no planejamento, na idealização das coisas.

Nas pesquisas sobre o cotidiano, De Certeau nos mostra que as astúcias dos consumidores de produtos, valores, idéias, todos os produtos do mercado geral dos bens materiais e culturais, esvaziam todas as pretensões de uniformização e obediência mantidas pelos gestores da vida pública. Assim, na visão do autor convém se interessar não pelos produtos culturais como oferecidos no mercado dos bens, mas pelas maneiras diferentes de marcar socialmente a distância adotadas pelos consumidores nos atos de consumir. É essa a indicação metodológica do autor: na pesquisa sobre práticas e usos de bens diversos (produtos

⁴ Não se trata de elaborar um modelo geral ao qual se possa submeter as práticas, mas de especificar as categorias que possam explicar as práticas num contexto particular de representações coletivas. Seu esquema operacional se insere no contexto da relação entre as estratégias e as táticas, dois conceitos que permitem passar de um lado para o outro da relação, sem perder nenhum dos pólos ou deixar diluir o objeto da investigação na fluidez da região que lhe é intermediária.

de mercado, idéias, valores crenças, etc) é preciso se voltar para as criações anônimas que proliferam na vida cotidiana, onde a consumação altera o objeto, ressignificando-o e acomodando-o a novos interesses. A preocupação central de De Certeau é apontar como na vida cotidiana, os mais fracos empreendem seus combates – silenciosos e sem propósitos políticos bem aceitos – para virar as regras de um contrato coercitivo favorável apenas aos fortes. Uma sociologia da vida cotidiana é também uma política da vida cotidiana.

Consideração Final

De Certeau se aproxima no sentido de dar primazia a ação individual no contexto social e de como ela pode imprimir certo tipo de regularidade e estrutura a determinado sistema num contexto histórico. Sua abordagem não dá importância fundamental as estruturas do pensamento herdadas de outras épocas históricas, dando uma noção de sobreposição de valores, crenças e idéias, ainda que significadas.

Por outro lado, Heller faz a análise do cotidiano a partir do advento da época histórica em que vivemos – o capitalismo – imprimindo a idéia de que a forma mercadoria imputa regularidades na ação humana cotidiana, ainda que de forma heterogênea e admitindo resistências. Os processos são calcados na dialética das relações sociais de produção e nos desdobramentos práticos da ação humana sobre a rotina, modos de fazer e refazer a vida em sociedade. A centralidade da perspectiva praxiológica para ela é fundamental, haja vista que é na práxis transformadora que os indivíduos transcendem do ser singular para o ser genérico e encontram sua verdadeira essência.

Assim, é possível, através de uma postura metodológica, um diálogo entre Heller e Certeau, na perspectiva de construção de uma análise coerente e mais próxima da totalidade sobre a vida cotidiana. Heller está vinculada a tradição marxista, apesar de avançar sobre a proposta de análise dessa tradição, ela não propõe ruptura, mas ajuda a sociologia da vida cotidiana a ganhar forma e conteúdo. Certeau quer fugir do que já estava estabelecido em termos de conhecimento (principalmente as propostas de Michel Foucault e de Pierre Bourdieu). Ele tem uma ideia viva do conhecimento. Os trabalhos científicos eram marcados por resultados desumanizados devido as estratégias formais adotadas. Ela propõe um método onde o pesquisador tenha menos posse do objeto de pesquisa, mas procure manter uma

relação viva com esse objeto. O conceito de saber cotidiano de Heller e de Certeau são próximos, ou seja, o saber cotidiano é atualizado pelas relações, pela experiência cotidiana.

As reflexões de Heller e Certeau trazem contribuições para a reflexão sobre a constituição dos sujeitos sociais com base no cotidiano, que como campo de estudo dá visibilidade ao entrecruzamento de processos macro e microssociais e recoloca o indivíduo e a coletividade no centro do acontecer histórico. As tradições, as identidades, as representações, constituem a concretização dos saberes sobre o cotidiano. É neste que o ser humano vive as identidades, numa rede simbólica de sentidos como classe, gênero, grupo, etnias, nacionalidades.

Referências

- BERGER, Peter. E LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano – 1**. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- GARCIA, Regina (org). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HELLER, Agnes e FEHER, Ferenc. **A condição política pós-moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- HELLER, Agnes. **Sociología de la vida cotidiana**. 4º edición. Barcelona: Edicions 62, 1994.

Recebido em: 21 de agosto de 2014.
Aprovado em: 08 de fevereiro de 2015.